

# O otimismo que vem da corte

P2  
SÉRGIO AMAD COSTA

O brasileiro precisa ser otimista. É a recente mensagem vinda da corte, em Brasília. Clama-se para que se acredite na superação da crise econômica. Ora, que sairemos desse buraco é crença generalizada. A pergunta é: quando e como? O quadro hoje pintado não revela nenhuma luz no final do túnel. Então, é óbvio que não dá para se levar a sério essa onda otimista que querem lançar sobre nós. Mais do que nunca, é preciso ser realista.

Qual foi a mudança significativa ocorrida neste mês, em relação aos meses anteriores? Nas esquinas, nos faróis, ainda são os mesmos a pedir esmolas. As favelas continuam espalhadas por aí, o poder aquisitivo da população está em queda livre e as vendas no comércio até pioraram. E ainda querem que sejamos otimistas.

Aliás, foi justamente a situação do comércio um dos motivos que levaram, em Brasília, a se ventilar a idéia do otimismo. Em novembro ocorreu uma ligeira queda nos preços em geral. Por isso, a inflação, tudo indica, não atingirá os 30%. Realmente, não está ocorrendo uma explosão dos preços, mas o custo social disso também deve ser observado.

Em outras palavras, antes de sairmos por aí, embalados pela onda de otimismo, é preciso saber que, neste mês, se estima uma retração de até 20% no comércio e que há setores industriais reclamando de uma ociosidade de 50%. E,



vale lembrar, estamos em véspera de Natal, período tradicionalmente forte em vendas.

Mais um aspecto da seriedade da situação: em São Paulo, principal centro comercial do País, o número de títulos protestados vem crescendo vertiginosamente. O acumulado dos dez primeiros meses do ano é 79% superior ao do mesmo período em 1990. Quanto aos pedidos de falência, em outubro ficaram 44% acima dos do mês anterior, e o acumulado do ano está em 392% sobre o mesmo período do ano passado. Até a metade de novembro, esses pedidos cresceram

19%. E o número de concordatas dobrou nesse período comparado com o da primeira quinzena de outubro.

Esse é um dos resultados da atual política monetária. O comércio vai mal e há empresas que não sabem como vão conseguir pagar os salários neste final de ano. Novamente, quem vai levar na cabeça são empresários e trabalhadores. É preciso também, antes de embarcarmos na moda do otimismo, ver a real situação dos jovens que agora estão concluindo a universidade.

Seria importante perguntar-lhes quais as perspectivas

de trabalho na profissão que escolheram. Certamente a resposta será um sorriso irônico. Uma forma educada de revelar, não pessimismo, mas apenas realismo. Durante a crise dos anos 80, um engenheiro abandonou a profissão e foi vender sucos na Avenida Paulista. Manchete nos noticiários: **O engenheiro que virou suco**. Hoje, além de ser difícil vender os sucos, aquela atitude se tornou corriqueira. Há administrador fazendo empadinha, economista vendendo pipoca, psiquiatra dando aulas de violão, e assim por diante.

Longe de nós desmerecermos quem vive dessas formas de comércio. Ao contrário, são atividades tão nobres quanto qualquer outro trabalho honesto. Apontamos, isto sim, para o fato de que uma boa parte dos jovens que investem, pelo menos, quatro anos da sua vida em estudos universitários, não consegue se sustentar com a profissão para a qual se habilitaram.

Portanto, é só olharmos com atenção a nossa realidade, é só ver a situação dos empresários, dos trabalhadores, dos recém-formados, para se concluir que esse otimismo que nos querem impingir não cola. Deus nos livre de fazer aqui a apologia de derrotismo. Fiquemos com o realismo. Pois será ele que forçará a verdadeira mudança no País, promovendo, o quanto antes, a execução das reformas profundas, tantas vezes pregadas, mas até hoje só timidamente iniciadas. Assumir agora o otimismo lançado por Brasília é aceitar a condição de bo-bo da corte.



■ Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP.